

# O SOBRENATURAL LITERÁRIO EM *CONTOS DA FLORESTA* DO ESCRITOR INDÍGENA AMAZONENSE YAGUARÊ YAMÃ

Alex Viana Pereira<sup>1</sup>  
Delma Pacheco Sicsú<sup>2</sup>

**RESUMO:** Sabe-se que a cultura dos povos indígenas é composta por inúmeras lendas e mitos responsáveis pela manifestação de seres sobrenaturais que aplicam castigos e maldições aos indivíduos que ousam infligir às florestas e rios amazônicos. Dessa forma, analisar-se-á, na perspectiva da fenomenologia literária, o sobrenatural literário em *Contos da Floresta* (2012) do escritor indígena amazonense Yaguarê Yamã pertencente à etnia Maraguá, buscando compreender a importância do sobrenatural com os mitos e lendas para a sobrevivência da cultura e identidade do povo Maraguá do baixo Amazonas. Yamã é autor de muitas obras da literatura infanto-juvenil amazonense que apesar do pouco reconhecimento e tida como “menor”, evidencia-se com uma riqueza incontestável quando analisada. Assim, com este artigo pretende-se também, timidamente, proporcionar maior visibilidade a literatura infanto-juvenil indígena amazonense, produzindo *corpus* teórico que contribua com os estudos dessa literatura no cenário amazônico. Diante disso, o trabalho proposto contará com as teorias de Lovecraft (1987), Roas (2014), Silva (2000), Freud (1919), Eliade (2000), Rocha (1999), Costa (2016), entre outros que possam contribuir com esse estudo.

**Palavras-chave:** Literatura indígena; Literatura Infanto-juvenil; Sobrenatural; Mito; Lenda.

**ABSTRACT:** It is known that the culture of indigenous peoples is composed of countless legends and myths responsible for the manifestation of supernatural beings who punish and spell curses to individuals who dare to inflict on Amazonian forests and rivers. In this way, we will analyze, from the perspective of literary phenomenology, the literary supernatural in “Contos da Floresta” (2012) by the Amazonian indigenous writer Yaguarê Yamã, belonging to the Maraguá ethnic group, seeking to understand the importance of the supernatural with the myths and legends for the survival of the culture and identity of the Maraguá people of the lower Amazon. Yamã is the author of many works of the Amazonian children's and youth literature that despite the fact that it has little recognition and it is considered as a "minor literature", is evidenced with an undeniable wealth when analyzed. Thus, with this article it is also timidly intended to provide greater visibility to the Amazonian indigenous children's and youth literature, producing a theoretical corpus that contributes to the study of this literature in the Amazonian scenario. Therefore, the proposed work will include the theories of Lovecraft (1987), Roas (2014), Silva (2000), Freud (1919), Eliade (2000), Rocha (1999) and Costa (2016), among others that can contribute to this study.

**Keywords:** Indigenous literature; Children's and youth Literature; Supernatural; Myth; Legend.

## INTRODUÇÃO

A literatura infanto-juvenil vem ganhando, timidamente, espaço no cenário amazonense, uma vez que, têm surgido no mercado editorial muitos escritores indígenas comprometidos com o desenvolvimento dessa literatura como Lya Minapoty, Elias Yaguakãg, Roni Wasiri Guará, Jaime Diakara e Yaguarê Yamã que possui um número expressivo de obras publicadas desde 2001 até a atualidade. Muitos desses autores enxergam, por intermédio da literatura infanto-juvenil, uma forma de exaltar, valorizar e proteger a identidade e cultura dos povos indígenas amazonenses.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas – CESP-UEA. [Alexviana742@gmail.com](mailto:Alexviana742@gmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora Doutoranda em Literatura - UNB, Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas, Professora e Pesquisadora do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas. [delmasicsu@bol.com.br](mailto:delmasicsu@bol.com.br)

E por ser uma literatura incipiente, se vê muito das lendas e mitos, sempre com um ingrediente a mais, o sobrenatural. Deste modo, ela é importante porque traz elementos que são da região amazônica, mas também dialoga com questões universais ao homem.

As narrativas retratam o cotidiano do homem amazônico, a cultura, a língua, os costumes e tantos outros aspectos que fazem parte do contexto dos povos indígenas amazonenses. Assim, os indivíduos se identificam nas obras, contribuindo com a edificação da literatura infanto-juvenil amazonense. Com esse crescimento, essa literatura necessita de estudos críticos literários que possam embasar e colaborar com esse avanço.

Dessa maneira, há um crescente surgimento de estudos realizados, por exemplo, por Sicsú (2013), Costa (2016), Souza (2011) e outros que estão trazendo visibilidade à literatura infanto-juvenil amazonense, desenvolvendo trabalhos que tratam do imaginário literário, da identidade e cultura, identidade e memória, o regime noturno e diurno através das teorias de Durand (2011), estudos dos mitos e lendas como formação leitora em sala de aula, entre outras pesquisas voltadas para a literatura infanto-juvenil amazonense.

Apesar da visibilidade que essa literatura vem ganhando, a fortuna crítica ao redor dela ainda é muito pequena comparada a outras literaturas direcionadas ao público adulto que abordam as mesmas temáticas amazônicas, como já fora discutido por Sicsú (2013; 2016).

Através das temáticas já abordadas, constata-se a escassez de um estudo mais amplo direcionado ao sobrenatural na literatura infanto-juvenil amazonense escrita por autores indígenas. De acordo com França (2012) o folclore, as lendas e mitos brasileiros sempre forneceram elementos para o desenvolvimento de uma literatura baseada no sobrenatural. Diante disso, o presente artigo preocupa-se em compreender a importância do sobrenatural literário na literatura infanto-juvenil amazonense do escritor indígena Yaguarê Yamã com os mitos e lendas para a sobrevivência da cultura e identidade do povo Maraguá, especificamente na obra *Contos da Floresta* (2012) selecionada como *corpora* para este trabalho.

A escolha da narrativa *Contos da Floresta* (2012) não foi feita de forma aleatória, mas levou-se em consideração o contexto do povo Maraguá o qual Yaguarê

Yamã pertence, pois os maraguás são conhecidos pelas suas histórias de assombrações que envolvem o sobrenatural e inspiram o autor a produzir suas narrativas.

A narrativa *Contos da Floresta* (2012) apresenta através das lendas e mitos seres sobrenaturais como: o *Kãwéra*, as *Makukauas* e *Mapinguari*. Esses espectros vivem nas margens dos rios e centros das florestas amazônicas, obtendo o temor e o respeito dos povos amazonenses, surgindo como protetores da fauna e da flora, amedrontando e castigando aqueles que ousam infligir o meio amazônico, permitindo observar a própria condição humana.

A floresta amazônica e toda a sua diversidade, os espaços de difícil acesso e os grandes labirintos de rios contribuem em grande escala para a formação do cenário dos mitos e lendas dos povos indígenas amazonenses que se coadunam ao sobrenatural.

Diante do exposto, justifica-se a abordagem da temática do sobrenatural literário em *Contos da Floresta* (2012) do escritor indígena amazonense Yaguarê Yamã, visto que a literatura infanto-juvenil produzida no Amazonas é uma das maiores portadoras da categoria do sobrenatural, pois muito se presentifica esse aspecto na cultura dos povos indígenas, manifestando seres conhecidos na Amazônia como *visajes*.

A obra reúne seis contos divididos em mitos e lendas, e por ser um estudo relativamente curto se caracterizando como um artigo, o pesquisador selecionou apenas dois dos contos encontrados na narrativa correspondentes a um mito e uma lenda. São eles: *História de Kãwéra* e *Dois velhos surdos*.

O trabalho é de cunho bibliográfico, visto que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado” (GIL, 2008, p. 44), contribuindo com o desenvolvimento do estudo proposto, dialogando com estudos teóricos internacionais, nacionais e regionais que destacam a temática indígena, a literatura infanto-juvenil, o sobrenatural literário, teorias sobre mitos e lendas e outros que possam dá suporte a esse artigo.

A natureza da pesquisa é qualitativa, haja vista a impossibilidade de compreender por meio de dados estatísticos fechados, fenômenos como o sobrenatural voltado para a percepção e subjetividade na literatura, pois a pesquisa qualitativa preocupa-se “com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. (GERHADT & SILVEIRA 2009, p.31).”

O método de abordagem escolhido foi o fenomenológico, pois parte das questões culturais e históricas, levando em conta a percepção do leitor e os fenômenos

encontrados nas narrativas que não se caracterizam por significados fechados. Culler (1999) justifica que a fenomenologia busca evitar o problema de separação entre o sujeito e o objeto, o que possibilita o pesquisador atingir as metas estabelecidas para a solução do problema. No caso da literatura infanto-juvenil indígena amazonense, os autores indígenas deixam entrever suas percepções desses elementos por intermédio das lendas e mitos amazônicos, visto que a percepção “[...] fenomenologicamente pensada abre espaço para que a coisa percebida apareça (FEIJOO & MATTAR, 2014, p. 445).”

Como método de procedimento utilizou-se a análise da narrativa e do conteúdo. Marconi & Lakatos (2013) justificam que a análise do conteúdo leva em consideração as significações do conteúdo, o que possibilita uma melhor compreensão do sobrenatural na narrativa *Contos da Floresta* (2012), pois esse método de procedimento “se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual).” (CHIZZOTTI, 2006, p. 98), aspectos que se manifestam na literatura infanto-juvenil indígena amazonense, fortemente influenciada pelos mitos e lendas advindas das histórias orais que destacam o sobrenatural.

## **LITERATURA INFANTO-JUVENIL INDÍGENA AMAZONENSE E SUA RELAÇÃO COM O SOBRENATURAL, MITO E LENDA**

A literatura infanto-juvenil amazonense de autoria indígena apresenta conteúdos riquíssimos como as lendas e mitos que possuem um papel fundamental, pois manifestam seres sobrenaturais que conscientizam, orientam ou até mesmo castigam o homem que destrói a fauna e a flora amazônica.

Outrora as lendas e mitos amazônicos eram excepcionalmente transmitidos através da oralidade. Com o surgimento da literatura infanto-juvenil amazonense, passam a preencher as páginas de narrativas escritas por autores indígenas do Amazonas. E ao serem transmitidas através dessa nova ferramenta, se universalizam e contribuem com a sobrevivência da cultura dos povos indígenas amazonenses. Candido (2000, p. 45) explica que:

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar.

Embora a literatura infanto-juvenil indígena amazonense seja incipiente e trate de temas da região amazônica, ela se universaliza e alcança novos patamares, não só porque passa a ser transmitida por outras ferramentas como o livro, mas, por tratar de temas pertinentes a toda uma sociedade como: o cuidado com a floresta amazônica, cobiçada desde a sua “descoberta”, apresentando histórias que outrora atravessaram o oceano após coadunarem com o imaginário do colonizador que Gondim (2007) diz pertencer ao Velho Mundo e; a própria condição humana que Jouve (2012) aponta como um importante fator para a construção de uma boa obra literária.

As narrativas infanto-juvenis também são ferramentas de luta para os autores indígenas amazonenses, pois eles as utilizam para denunciar as atrocidades contra a cultura e os territórios dos povos indígenas. Anseiam como Davi Kopenawa em *A queda do céu* (2015) atingir a maior audiência possível, assim, orientando a sociedade quanto à importância do território e cultura dos povos indígenas.

Reside, portanto, a relevância da literatura infanto-juvenil indígena amazonense alcançar o público e se legitimar, pois de acordo com Candido (2000, p. 38), o público é o principal responsável por “dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza”, ou seja, essas vozes são silenciadas, mas para que isso não aconteça é preciso que essas narrativas circulem e sejam estudadas nos mais vastos campos do conhecimento.

Segundo Jouve (2012, p.136) “A especificidade da obra literária enquanto objeto cultural decorre não apenas da natureza dos conteúdos que ela exprime, mas também da maneira como ela os comunica”. A literatura infanto-juvenil de autoria indígena amazonense possui suas particularidades, pois mostra o sobrenatural como uma questão cultural, não apenas como estratégia ficcional, isto é, os autores indígenas amazonenses usam esse fenômeno para dizerem a sua cultura e expressões no mundo, reforçando a sua identidade que tem como base os mitos e lendas enraizados ao sobrenatural.

O sobrenatural nas narrativas infanto-juvenis amazonenses de autoria indígena é um fenômeno recorrente nas lendas e mitos amazônicos, destacando a forma de ver e pensar o mundo conforme os povos indígenas, já que os mitos e as lendas impregnados pelo sobrenatural atravessam o tempo, podem sofrer algumas alterações, mas nunca deixam de existir.

De acordo com Eliade (2000, p. 11) “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas

múltiplas e complementares”, isto é, podem ser vistos de muitas maneiras, explicar origens, revelar e guardar segredos, responder inquietações, perpetuar tradições, culturas e identidades. Além de ser uma realidade cultural, o mito “dá sentido e interpretação a um passado desconhecido, ou mesmo algo que explique o considerado sobrenatural, anormal (OLIVEIRA, 2016, p. 25).”

O mito é uma experiência coletiva e bastante presente na cultura dos povos indígenas amazonenses, pois é pensado como resposta para muitas inquietações. Conforme Rocha (1999), o mito é uma narrativa, ou seja, um discurso que tenta exprimir os paradoxos de uma sociedade e permite o homem refletir sobre a sua existência de estar no mundo. O mito, ao se entrelaçar ao sobrenatural, garante a manutenção e sobrevivência da cultura dos povos indígenas, afinal, “deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico” (*Ibidem*, p. 9) e de acordo com Eliade (2000), fundamenta e justifica toda a atividade do ser humano, o que é perceptível na cultura dos povos indígenas, pois buscam através dos mitos explicações para fenômenos que eles não conseguem explicar de forma lógica, emergindo o sobrenatural.

Por sua vez, as lendas também se encontram no discurso do homem amazônico e possuem um papel fundamental para a manutenção da cultura dos povos indígenas amazonenses, pois falam

[...] de costumes, fatos históricos ou qualquer outro traço da cultura de um povo. As lendas têm importante papel na formação identitária do ser humano. A ação de recontar as lendas permite aos envolvidos (narrador e ouvinte) exercitar sua memória, vivenciar sua cultura, mantendo uma importante relação entre o natural e o sobrenatural (COSTA, 2016, p. 34).

Segundo Costa (2016), muitas vezes a lenda é de criação coletiva de um povo, uma etnia, uma comunidade e tem, na oralidade, seu desenvolvimento, possibilitando inúmeras versões como, por exemplo, a lenda do *Curupira*, da Iara e do boto. Seres que deixam entrever o sobrenatural e se perpetuam na sociedade, garantindo a sobrevivência da cultura dos povos indígenas. Em síntese, os mitos e as lendas têm muito a dizer dos povos indígenas amazonenses, sempre se manifestando com um ingrediente a mais, o sobrenatural.

Todorov (1981) adverte que é impossível conceber um gênero que possa juntar todas as obras literárias que manifestam o sobrenatural, haja vista a complexidade do fenômeno. Do contrário “teria que abarcar tanto ao Homero como ao Shakespeare, ao Cervantes como ao Goethe. O sobrenatural não caracteriza as obras com suficiente precisão; sua extensão é muito grande” (TODOROV, 1981, p. 20), inclusive, se

presentificando na literatura infanto-juvenil amazonense do autor indígena Yaguarê Yamã.

O sobrenatural se manifesta nas narrativas infanto-juvenis indígenas amazonenses através de seres conhecidos na região amazônica como *visagens*, monstros que fazem parte da cultura dos povos indígenas e surgem nas lendas e mitos com o objetivo de explicar determinados eventos e de conscientizar o homem quanto à preservação das florestas e rios, visto que “[...] o *monstrum* é, etimologicamente, ‘aquele que revela’, aquele que adverte (COHEN, 2000, p. 27).”

Para Roas (2014) o sobrenatural é aquilo que transgride as leis que organizam o mundo real, o inexplicável, que não existe, de acordo com essas mesmas leis. Nas narrativas infanto-juvenis indígenas amazonenses esse fenômeno irrompe o real quando se tem, por exemplo, em *Contos da floresta* (2012) de Yaguarê Yamã a transgressão de seres como o *Kãwéra*, *Makukawaguá* e *Mapinguary* que fazem parte dos mitos e lendas do povo Maraguá do Baixo Amazonas.

É importante, portanto, compreender o entrelaçamento do sobrenatural com as histórias de assombração que envolve os mitos e lendas, enfatizando o cuidado com a fauna e a flora amazônica e a cultura dos povos indígenas amazonenses.

De tal modo, o trabalho parte de duas das interfaces do sobrenatural que mais se manifestam na literatura infanto-juvenil: o fantástico e o maravilhoso e, assim, atentar qual o principal caminho que o sobrenatural percorre para se manifestar em *Contos da Floresta* (2012) de Yaguarê Yamã.

## **CAMINHOS PARA O SOBRENATURAL**

O fantástico surgiu no século XVIII com as narrativas consideradas góticas. São obras que tendem a destacar fenômenos sobrenaturais como uma de suas principais características, despertando sentimentos de estranheza, medo e finais trágicos.

Segundo Roas (2014, p. 31) “[...] a literatura fantástica é o único gênero literário que não pode funcionar sem a presença do sobrenatural”. O autor adverte ainda que o fantástico deve causar a irrupção do mundo ficcional que segue as características do mundo real (verossimilhança), ou seja, o mundo ficcional descrito com base no cotidiano, “assim, para que a história narrada seja considerada fantástica, deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo

fenômeno que transtornará sua estabilidade” (*Ibidem*, 2014, 31), esse fenômeno será o sobrenatural, responsável por romper a estabilidade do espaço similar ao do leitor. Essa teoria vai ao encontro do que Tzvetan Todorov já explicitava em seu estudo *Introdução à Literatura Fantástica* (1981) ao destacar que

[...] é necessário que o texto obrigue ao leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos [...] (TODOROV, 1981, p.19 e 20).

Em outras palavras, para o melhor efeito da sobrenaturalidade na literatura fantástica, a espacialidade da narrativa deve ser sempre localizável, isto é, descrita conforme o mundo real, pois o fantástico “vai depender sempre do que consideramos real, e o real depende diretamente daquilo que conhecemos” (ROAS, 2014, p. 45- 46). Como já dito, o espaço ficcional deve então ser construído de acordo o mundo considerado real, assim, ao ser assolado pelo sobrenatural, despertará estranhamento e medo.

No estudo *As teorias do fantástico e a sua relação com a construção do espaço ficcional*, Gama-Khalil (2012, p. 30) destaca a espacialidade como elemento fundamental para a constituição de sentidos na narrativa fantástica, “[...] uma vez que os acontecimentos ficcionais só conseguem edificar-se por intermédio de uma localização que lhes dê suporte e sentido”, assim, a pesquisadora afirma ainda que

[...] um caminho viável para a análise da literatura fantástica pode ser o estudo da configuração dos espaços ficcionais, de forma a pesquisar como os locais (internos ou externos às personagens) constroem os efeitos de estranhamento no leitor [...] (GAMA-KHALIL, 2012, p. 32).

Destarte, o espaço ficcional serve como mediador para o sobrenatural, pois organiza o caminho que levará (como justificado por Gama-Khalil) os personagens e o leitor aos seus sentimentos internos e externos como, por exemplo, ao estranhamento e o medo diante do insólito. Esses sentimentos podem ser compreendidos como outros aspectos do fantástico.

O medo é a emoção mais forte do homem, como justifica H. P. Lovecraft (1987) em seu livro *O Horror Sobrenatural na Literatura*, e diz que o desconhecido é a principal fonte dessa emoção, pois na literatura fantástica configura-se como a irrupção do sobrenatural, provoca repulsa e atração ao homem, mas

Não muito longe, essa mesma atração provoca estranha sensação de medo, que nada mais é que um estado de alerta demonstrado pelo receio de fazer alguma coisa, geralmente por se sentir ameaçado, visto que o desconhecido é

sempre um espaço inseguro para o homem; um espaço de desconfiança (FELISBERTO & FORTES, 2015, p. 27).

Dessa forma, observa-se também a desestabilização do espaço pelo desconhecido, e o desconhecido na literatura fantástica é o próprio medo do sobrenatural, do indescritível, do irreal. De acordo com França (2012, p. 88), o medo do sobrenatural é uma característica bastante encontrada na Literatura Gótica, mas que “no caso específico brasileiro, as lendas, o folclore, os mitos e os costumes locais sempre forneceram material para uma literatura baseada em elementos sobrenaturais”. De tal modo, os elementos sobrenaturais encontrados nas lendas e mitos são fontes seguras do medo como, por exemplo, nas histórias de *visajes* encontradas na narrativa infanto-juvenil indígena amazonense escolhida como *corpora* para esse trabalho.

É importante também discutir outro gênero literário presente na literatura infanto-juvenil, o maravilhoso. Assim, podendo definir qual interface do sobrenatural mais se presentifica nas narrativas infanto-juvenis indígenas amazonenses, especificamente em *Contos da Floresta* (2012) de Yaguarê Yamã.

O gênero maravilhoso evidencia-se principalmente nos contos de fadas, onde o sobrenatural se coloca como natural, como bem justifica Roas (2014, p. 33), quando diz que “diferentemente da literatura fantástica, na literatura maravilhosa o sobrenatural é mostrado como natural, em um espaço muito diferente do lugar em que vive o leitor [...]”, isto é, um mundo em que acontecimentos que envolvem a sobrenaturalidade são totalmente normais, sendo essa uma das principais diferenças em relação ao fantástico.

Diferentemente da espacialização na literatura fantástica que segue rigidamente aspectos similares ao mundo real, na literatura maravilhosa a transgressão dificilmente causará impacto, mesmo que sua base seja o mundo tido como real, como elucida Michelli (2012, p. 25) “A base em que opera o maravilhoso é, portanto, o real, ainda que atue sobre ele de maneira a delinear uma realidade outra, a ficcional, iluminando possibilidades outras”.

Observa-se que na literatura maravilhosa as possibilidades de transgressão são múltiplas; podem surgir e desaparecer sem que haja, por exemplo, questionamento quanto a sua manifestação, ou seja, “quando o sobrenatural se converte em natural, o fantástico dá lugar ao maravilhoso.” (ROAS, 2014, p. 34), e abre-se um leque de possibilidades que “encanta o ser humano com histórias que lhe permitem sair de seu viver cotidiano – robotizado, normatizado – [...] (MICHELLI, 2012, p. 136).”

São histórias que envolvem personagens impregnados pelo sobrenatural como fadas, gnomos, elfos, ogros, etc; “permitindo a insurgência de deslocamentos, metamorfoses e ações inexplicáveis pela lógica do senso comum” (MICHELLI, 2012, 123), mas, são geralmente aceitos sem resistência alguma por parte do leitor, visto que não há uma quebra na ação da narrativa, pois é visto como um fenômeno normal, como explicita David Roas.

O mundo maravilhoso é um lugar totalmente inventado [...] já que nele tudo é possível – encantamentos, milagres, metamorfoses – sem que os personagens da história questionem sua existência, o que permite supor que seja algo normal, natural (ROAS, 2014, p. 34).

Outra característica que diferencia o maravilhoso do fantástico é a existência dos finais felizes nas obras, visto que a literatura fantástica tem como um dos principais aspectos os finais trágicos, não acontecendo no gênero maravilhoso, pois sempre se encontra uma saída para o problema ou mal que venha surgir na narrativa.

Já na narrativa fantástica a vacilação do sobrenatural não se perpetua do começo ao fim, mas se destaca em um dado momento para que possa causar inquietação, susto, medo e transgressão na maioria dos casos, por isso a importância do espaço ficcional ser similar ao mundo real, o que na literatura maravilhosa, “[...] pelo contrário, decide que é necessário admitir novas leis da natureza mediante as quais o fenômeno pode ser explicado (TODOROV, 1981, p. 24).”

Em síntese, ambos os gêneros fantástico e maravilhoso dependem da irrupção do sobrenatural para a sua manifestação, o primeiro transgredir as leis do mundo real, o segundo, por sua vez, se coaduna a esse mesmo mundo e permite situações múltiplas por intermédio da sobrenaturalidade.

## **O SOBRENATURAL LITERÁRIO EM *HISTÓRIA DE KĀWÉRA***

O mito de *Kāwéra* encontrado na narrativa de Yaguarê Yamã conta a história de um homem que desafia o ser sobrenatural que vive na floresta amazônica, o *kāwéra*, (monstro alado sedento por sangue que se alimenta de carne humana) e acaba sendo castigado pelo ser insólito que o transforma também em *kāwéra*. O conto faz parte da tradição oral do povo Maraguá que define o monstro como “esqueleto velho”, sendo criação do próprio *Anhãga*, deus do mal e inimigo do povo Maraguá.

A história inicia com Yaguajê, “[...] caçador de fama, um dos mais destacados entre os indígenas. Pertencia o clã Çukuyê, dos Maraguá” (YAMÃ, 2012, p. 11), que decide ir caçar *paca* durante a noite ao redor do lago *Kayawé*. Yaguajê ao chegar à floresta fica esperando os animais que demoram a aparecer, mas com o passar do tempo, quando quase adormecia, viu uma *paca* se aproximar do *mutá* em que estava. Assim, se preparou para atirar no animal: “Pegou a sua espingarda e apontou para a *paca*. Estava prestes a atirar, quando sentiu um grande vulto às suas costas. Seus cabelos se arrepiaram (YAMÃ, 2012, p. 12).”

No trecho acima, é perceptível a introspecção do elemento insólito, a preparação para o que estaria por vir, o ser sobrenatural *Kãwéra*. Diante disso, o sobrenatural se manifesta na obra, primeiramente, através da impressão estranha que invade o personagem Yaguajê. De acordo com Freud (1919, p. 3) o que “é ‘estranho’ é assustador precisamente porque *não* é conhecido e familiar,” e esse sentimento começa a se manifestar através do vulto do *Kãwéra* que assola o lugar e deixa Yaguajê com a sensação de estranheza, arrepiado.

Em seguida, o monstro se revela ao personagem que fica atordoado e tenta reagir, mas é tomado por outro sentimento que contribui com o surgimento do sobrenatural, o medo.

O homem não se conteve e tentou golpear o vulto com o tacape. Mas, rapidamente, sentiu sua cabeça crescer e os cabelos se arrepiarem, ao ver descer à sua frente um terrível monstro alado, de asas de morcego. Ao pousar, deixou à mostra dentes enormes e garras, com as quais arranhou o homem nas costas. Em seguida, o monstro levantou voo e sumiu na escuridão da mata (YAMÃ, 2012, p. 13).

Na narrativa, Yaguajê fica diante de um ser desconhecido, um ser macabro que foge às leis do mundo real e “o mundo do desconhecido será sempre um mundo de ameaças e funestas possibilidades” (LOVECRAFT, 1987, p. 3), assim, o personagem é colocado em uma situação de perigo que é antecedida pela sensação de estranheza, incerteza e medo, visto que Yaguajê se depara primeiro com o vulto do espectro. Em seguida, há a transgressão do monstro, fator essencial para que não reste dúvida da manifestação do sobrenatural, assim, se colocando face ao fantástico, pois segundo Roas (2014), a condição transgressora é que vai determinar o seu efeito, isto é, destoando da teoria do gênero maravilhoso que considera o evento sobrenatural como natural.

No decorrer da narrativa, salienta-se outro aspecto importante para o fantástico, o lugar localizável, o espaço ficcional que é similar ao mundo real, destacando até

mesmo o costume de Yaguajê ir caçar à noite perto de uma palmeira de Inajá cheia de frutos, pois atrai os animais que chegam para comer durante a noite, enfatizando o conhecimento indígena em relação à caça, “[...] viu, embaixo da árvore, várias pegadas de paca. Animado, resolveu ficar ali. Armou o *mutá* entre duas palmeiras e, de cima, ficou aguardando o animal vir comer os coquinhos” (YAMÃ, 2012, p. 11). Dessa maneira, constrói-se o cotidiano do personagem na narrativa que é conforme o mundo real, onde o elemento sobrenatural não é natural, mas transgrede e atordoa quando se manifesta.

Segundo Oliveira (2014, p.42) o espaço da narrativa “é uma ferramenta narratológica que explicita a face sobrenatural da diegese para o leitor, possibilitando que emerja nele sensações variadas como estranhamento, empatia e medo”. No conto *História de Kãwéra*, observa-se a preocupação em fornecer a localização exata da ação.

Remando em direção às comédias, passou por vários lugares, até chegar ao lago desejado, que era alvo de disputa entre os caçadores e pescadores da região, porque dava muita caça. Esse lago se chamava Kayawé, e ficava próximo ao Paraná do Urariá, um caudaloso afluente do rio Madeira, no Amazonas (YAMÃ, 2012, p. 11).

Nota-se que são fornecidas todas as informações do espaço em que o personagem se encontra, inclusive sua movimentação e o transporte típico dos povos indígenas que vivem às margens dos rios. Elucidando, dessa forma, o contexto amazônico, a caça, a pesca, o uso da canoa e do remo e o conhecimento de Yaguajê perante a floresta e os animais.

Ao chegar ao lago, olhou para todos os lados e não encontrou nada que lhe chamasse a atenção. Remou de um lado para outro em busca de comédias de caça, onde pudesse armar sua tocaia, mas nada. Já estava quase desistindo, quando, ao virar sua canoa de volta, enxergou uma palmeira inajá cheia de frutos (YAMÃ, 2012, p. 11).

De tal modo, a espacialização ficcional permite que os indivíduos se identifiquem na narrativa e mais uma vez se tem o contato com os aspectos do fantástico em *História de Kãwéra*, pois segundo Todorov (1981, p. 19-20), o sobrenatural na literatura fantástica obriga “o leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos”. Diante da explicitação, o sobrenatural fica livre para irromper o espaço ficcional que se assimila ao mundo real, fazendo o leitor amazonense, não só o indígena, se identificar na narrativa, pois são histórias que se perpetuam e invadem o imaginário do homem amazônico.

É notório que o conto *História de Kãwéra* de Yaguarê Yamã baseado no mito repassado de geração para geração pelo povo Maraguá deixa entrever muitos dos aspectos da cultura indígena, dos conhecimentos tradicionais, do território desse povo, dos seus temores, de atividades desenvolvidas por eles há muito tempo, como a caça, a pesca, o uso de meios de transporte como a canoa. Em síntese, a literatura infanto-juvenil amazonense tem muito a dizer sobre o homem amazônico, principalmente do povo indígena amazonense destacado na narrativa.

A Amazônia com toda a sua grandiosidade, seus mistérios e espaços de difícil acesso contribuem com o surgimento de histórias que manifestam o sobrenatural, muitas vezes são mitos que possuem o objetivo de proteger a fauna e flora, advertindo e castigando quem inflige a região amazônica.

### **MONSTRO E MONSTRUOSIDADE EM *HISTÓRIA DE KÃWÉRA***

A região amazônica é palco de muitas histórias de *visajes* e monstros alados como o *Kãwéra* que são vistos nas narrativas de Yaguarê Yamã como guardiões de lugares apresentados, principalmente pelos povos indígenas, como sagrados. De acordo com Souza (2013, p.1), “Etimologicamente, monstro vem do latim *monstrum* que significa deformado, monstruosidade, aberração, sinal e agouro, derivação dos verbos *monstrare* e *monere*: avisar, indicar, chamar a atenção, advertir.” Diante do exposto, preocupa-se em dar continuidade à análise do conto *História de Kãwéra* (2012), mas enfatizando um dos papéis do ser sobrenatural, a proteção da floresta e dos animas amazônicos.

Após Yaguajê se deparar com o *Kãwéra*, como visto na análise anterior, o mesmo foge do local e avisa aos seus companheiros sobre a existência do monstro, “Correu desesperado para a canoa e remou mais que depressa para a sua casa/ Contou tudo para a sua esposa e para os cunhados, que o esperavam para jantar. Todos ficaram apreensivos, mas foram até o lago ver o que havia” (YAMÃ, 2012, p. 13). Esses por sua vez decidem ir matar o *Kãwéra* que se manifesta e avisa aos homens que saiam daquele local, “[...] o monstro surgiu furioso e falou para os caçadores, com voz rouca: - Esses animais são meus, ninguém pode matá-los. Se um de vocês voltar aqui, eu o devorarei” (*Ibidem*, 2012, 14). Pode-se observar, assim, que ele se preocupa primeiro em avisar os homens do risco que estão correndo, haja vista ser uma das características do monstro.

Esses seres são responsáveis por causar medo nos habitantes que vivem nessas regiões (principalmente nos que infligem os limites da floresta amazônica), pois é comum dentre as histórias do povo Maraguá espectros que justifiquem dadas situações da natureza as quais não se conseguem explicar por meios “racionais”.

Segundo Lovecraft (1987, p. 1) “a emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido.” Nesse caso, o desconhecido se revela através do *Kãwéra* na narrativa, é fonte de medo e serve para afastar os homens e proteger a flora e a fauna amazônica.

O mito de *Kãwéra* também sai de dentro da tribo indígena e passa permear outros ambientes ao ser transmitido pelas narrativas infanto-juvenis amazonenses. Dessa maneira, os monstros por habitarem lugares como o “centro” das florestas e profundezas inalcançáveis dos rios, irrompem a estabilidade do homem amazônico e o amedronta.

O medo desses seres sobrenaturais acaba por imperar em meio aos habitantes da região amazônica que repassam essas histórias de geração para geração, pois os mitos fazem parte do construto cultural que os envolve, isto é, os mitos, por mais conhecidos que sejam em toda região amazônica, ainda causam estranheza, dúvidas, medo. Sigmund Freud em seu ensaio *O Estranho* (1919) diz que

A condição sob a qual se origina, aqui, a sensação de estranheza, é inequívoca. Nós - ou os nossos primitivos antepassados - acreditamos um dia que essas possibilidades eram realidades, e estávamos convictos de que realmente aconteciam. Hoje em dia não mais acreditamos nelas, *superamos* esses modos de pensamento; mas não nos sentimos muito seguros de nossas novas crenças, e as antigas existem ainda dentro de nós, prontas para se apoderarem de qualquer confirmação (FREUD, 1919, p. 20).

Ou seja, são crenças que perpetuam os mitos e mesmo com o tempo não perdem seu espaço no cenário amazônico, sendo sempre representadas, lembradas e contadas oralmente e através da escrita. Essas narrativas desenvolvidas por escritores indígenas buscam sempre destacar a importância da vida e da natureza.

Por conseguinte, os monstros, como observado anteriormente, costumam avisar os indivíduos quanto à preservação do meio amazônico. Se não obedecem, o ser sobrenatural aplica castigos, como é notório no excerto que enfatiza um dos homens, Dizoáp, que desafia o *Kãwéra* voltando ao local, mas acaba sofrendo o castigo do monstro, “Você me desafiou, agora não tem perdão. Eu lhe dei uma última chance e

você não aceitou. Agente as consequências. Por ter desafiado um Kāwéra, você será castigado (YAMÃ, 2012, p. 16).”

Assim, o *Kāwéra* transforma o homem em monstro, ou seja, o indivíduo é obrigado a deixar sua posição de monstrosidade (destruidor das florestas e rios amazônicos) ao desafiar o espectro protetor e se metamorfoseia, como castigo, em monstro guardião do lugar sagrado, o rio *Kayawé*. Como é notório no seguinte trecho:

O rapaz esperou. Enquanto dormia, o corpo dele ganhou garras, pelos, um rabo, dentes grandes e afiados, os pés se transformaram em patas, e surgiram duas enormes asas em suas costas.

No dia seguinte, ao acordar, viu que havia mudado por completo. Nisso o Kāwéra retornou:

-Agora, você é um dos meus. Aproveite a nova vida de Kāwéra! Vá para o lago onde o encontrei e cuide daquele lugar como se fosse seu, porque lá existem muitas riquezas que não podem ser mexidas (YAMÃ, 2012, p. 17).

Através desse trecho compreende-se e se exemplifica um dos aspectos importante apontado por Milanez (2013), a metamorfose, que se torna um fio discursivo para o sobrenatural. Há um processo de transgressão, pois percebe-se que o monstro *Kāwéra* humaniza-se e tenta humanizar o homem, já que o ser sobrenatural se preocupa mais com a preservação da floresta e dos animais do que o próprio ser humano considerado racional, mas que muitas vezes se caracteriza pela monstrosidade da destruição. Gil (*apud* SOUTO 1994, p. 88) diz que “os homens precisam de monstros para se tornarem humanos”. Monstro e monstrosidade são termos dotados de significados que se interligam, mas que são diferentes.

Os monstros são nossos filhos. Eles podem ser expulsos para as mais distantes margens da geografia e do discurso, escondidos nas margens do mundo e dos proibidos recantos de nossa mente, mas eles sempre retornam. E quando eles regressam, eles trazem não apenas um conhecimento mais pleno de nosso lugar na história e na história do conhecimento de nosso lugar, mas eles carregam um autoconhecimento, um conhecimento *humano* — e um discurso ainda mais sagrado na medida em que ele surge de Fora. Esses monstros nos perguntam como percebemos o mundo e nos interpelam sobre como temos representado mal aquilo que tentamos situar. Eles nos pedem para reavaliarmos nossos pressupostos culturais [...] Eles nos perguntam por que os criamos (COHEN, 2000, p.54 e 55).

Com isso, compreende-se que o monstro em *História de Kāwéra* (2012) é também o próprio homem, mas que no sentido inverso do espectro, o homem não possui a fisionomia do ser sobrenatural, apenas desenvolve a monstrosidade. De tal modo, os indivíduos geralmente carregam o medo da destruição, porém não hesitam em destruir. Freud (1919, p. 16) elucida que “o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que retorna.”

Quanto mais desorientado o indivíduo estiver, mais propenso ele estará em encontrar o monstro que o oriente, pois de acordo com Freud (1919, p.3) “quanto mais orientada a pessoa está, no seu ambiente, menos prontamente terá a impressão de algo estranho em relação aos objetos e eventos nesse ambiente.” Na literatura, há tempos existem monstros que surgem com o intuito de orientar. É assim na literatura universal, por exemplo, com *Frankenstein* (1816) de *Mary Shelley* e *Drácula* (1897) de Bram Stoker. Já no Brasil se tem monstros como o *Kãwéra*, encontrado entre os mitos e lendas dos povos indígenas amazonenses que chegam ao leitor através de narrativas como *Contos da Floresta* (2012) de Yaguarê Yamã.

## **O ENTRELAÇAMENTO IDENTITÁRIO E CULTURAL COM O SOBRENATURAL EM *DOIS VELHOS SURDOS***

Nesse tópico preocupa-se em demonstrar os aspectos culturais e identitários dos povos indígenas manifestados diante da lenda de *Dois velhos surdos* (2012). A história vai apresentando elementos que fazem parte diretamente do cotidiano dos povos indígenas e homem amazônico, aspectos que no conto de Yaguarê Yamã vão se mostrando no decorrer da narrativa lado a lado com o sobrenatural, isto é, com as histórias de *visajes*.

O conto *Dois velhos surdos* (2012) de Yaguarê Yamã faz parte das histórias orais do povo Maraguá, se caracterizando como lenda. Essa lenda conta a história de dois anciões moradores da comunidade que mais tarde seria conhecida como “a comunidade assombrada dos velhinhos”, pois os mesmos são os únicos que ficam na comunidade que é assolada pelas *visajes*.

Visajes de todos os tipos e espécies passaram a rondar a aldeia e a assombrar os moradores. Mesmo quem nunca havia ouvido história de visajes, agora tinha medo delas. Todo dia, circulavam casos de fantasmas, bichos que apareciam no porto, na roça, dentro de casa à meia-noite. E cada vez que alguém ficava sabendo de uma visaje, mudava-se dali para outro lugar, uma outra aldeia. Família por família, todas foram indo embora. Aos poucos, a aldeia ficou vazia (YAMÃ, 2012, p. 47).

Como se pode observar, a aldeia vai ficando vazia, pois logo no primeiro capítulo do conto o narrador em terceira pessoa destaca a presença dos seres insólitos na narrativa. Nesse primeiro excerto do conto *Dois velhos surdos* (2012) é notório um

ponto essencial para a manifestação e sobrevivência da lenda, o costume de se contar histórias de *visajes*, “se a palavra lenda, do latim *legend*, significa ‘aquilo que deve ser lido’, é verdade que ela também tem muita proximidade com a oralidade e que, por isso, fala de costumes, fatos históricos” (COSTA, 2016, p. 34), isto é, ilustra traços da cultura de um povo, é assim, por exemplo, na narrativa quando os moradores da aldeia vão tomando conhecimento dos espectros através das histórias orais.

Segundo Costa (2016) os autores amazonenses bebem diretamente no manancial da cultura oral dos mitos e lendas para a produção de suas narrativas. Dessa forma, compreende-se os aspectos que Yaguarê Yamã acrescenta em seu conto, como a presença das narrativas orais dos povos indígenas, como exemplificado no trecho a seguir: “A maioria sabia de casos acontecidos noutros lugares, que as pessoas contavam ao pôr do sol, como é o costume do povo Maraguá (YAMÃ, 2012, p. 47).”

A história continua com os dois velhos que por serem surdos ficam isentos dos relatos orais sobre as *visajes* e permanecem na aldeia.

Nessa aldeia, morava um casal de velhinhos muito bondosos. Tratavam bem as pessoas, faziam remédios e curas de pajelança. Porém, quase surdos, conversavam em voz alta e tinham dificuldade de ouvir as notícias que corriam. Não consideravam isso um problema, mas, a cada dia, ficavam mais surdos. E, como não ouviam as histórias de visajes como os demais, no que perceberam, estavam sozinhos. Em todas as cercanias da aldeia, não havia mais ninguém para lhes fazer companhia (YAMÃ, 2012, p. 47).

Na citação acima, atenta-se para mais um dos aspectos identitários e culturais dos povos indígenas, os saberes tradicionais como a pajelança. Esses fazem parte da cultura dos povos indígenas e se manifestam nas lendas, “mantendo uma importante relação entre o natural e o sobrenatural” (COSTA, 2016, 34) sendo que nos rituais de pajelança são utilizadas, por exemplo, ervas que, segundo Sicsú (2013, p. 45) possuem poderes destrutíveis e alucinógenos e “[...] estão assim ligadas à ideia dos poderes naturais, do bem e do mal [...]”, aparecendo frequentemente nas lendas amazônicas.

Desse modo, com o caminhar da narrativa, ilustra-se esses aspectos que fazem parte da cultura e identidade dos povos amazonenses, sempre com alguma ligação com o sobrenatural que através das lendas e mitos amazônicos vão se presentificando na obra de Yaguarê Yamã.

Mas adiante, os velhos percebem que todos foram embora, mesmo assim continuam vivendo na aldeia fazendo suas atividades do dia-a-dia, como pescar com flecha, usar a canoa, o fogão a lenha para assar seus alimentos, utilizando o *jirau* para

colocar os peixes, dentre outras características e costumes ligados aos povos indígenas amazonenses.

Banharam-se no porto da aldeia e voltaram para casa, alegres como sempre. O velho sentiu fome, perguntou:  
 - O QUE TEMOS PARA COMER?  
 - NÃO TEMOS NADA! – respondeu ela.  
 - ENTÃO VOU PEGAR ALGUNS PEIXES PARA JANTAR. FIQUE FAZENDO O FOGO, POIS VOLTAREI LOGO!  
 Pegou sua canoa e foi. Chegou ao lago, flechou dois tucunarés, ficou contente e voltou para casa. Colocou os peixes em um jirau próximo [...] (YAMÃ, 2012, p. 48).

Na ilustração acima, o autor utiliza caixa alta para identificar a fala dos velhos, enfatizando o tom de voz elevado dos personagens que são surdos. São perceptíveis na conversa dos dois os costumes dos povos amazônicos, nesse caso da etnia Maraguá. Assim, começa-se a compreender que a história se passa ao redor dos contos de *visajes*, mas que na ação e espaço que antecede o fenômeno sobrenatural, o autor explora em grande escala o cotidiano dos povos indígenas, mostrando dessa forma a identidade e cultura dos mesmos.

Após a descrição dos costumes, dos traços indígenas e a vivência dos índios na aldeia, nota-se um aspecto essencial para a transgressão do sobrenatural, o espaço. Além disso, observa-se mais uma vez que o gênero maravilhoso não cabe nos dois contos escolhidos para a análise: *Histórias de kāwéra* e *Dois velhos surdos*, pois em ambos os aspectos que prevalecem são os do fantástico, como a transgressão do espaço, o medo, a estranheza e outros que foram destacados através do estudo.

Consequente, com o cotidiano similar ao mundo tido como real, o espaço ficcional em que os velhos surdos se sentem seguros, há a transgressão dos seres sobrenaturais, as *visajes*. Desse modo elucidada-se o que já fora dito por Todorov (1981), Roas (2014), Oliveira (2014), Kama-Khalil (2012), entre outros sobre o espaço ficcional ser essencial para a manifestação do fantástico, isto é, ser similar ao mundo real, ao mundo palpável.

Depois da pesca e do jantar, os velhos deitam em suas redes e percebem que do lado de fora da casa há uma luz que fica se movendo e desloca-se em direção ao local em que os dois se encontram.

No início, estava imóvel, mas, depois, deslocou-se na direção do porto. O velho sentou em sua rede e ficou prestando atenção. Ao observar a luz, notou que ela ficava mais forte a cada minuto. Por um instante, apagou-se, mas logo voltou com mais intensidade, iluminando o caminho, já perto da casa (YAMÃ, 2012, p. 49).

Eram as *visajes* que procuravam gente para assombrar e matar, mas os velhos ficaram quietos em casa até que os seres sobrenaturais fossem embora. Com o passar do tempo, as *visajes* achando que não restava mais ninguém na aldeia, decidem ir embora. Os velhos vendo que o plano deles havia dado certo comemoram, mas por serem surdos acabam elevando o tom de voz, o que chama atenção dos espectros.

Nisso, as visajes, que já iam longe, ouviram as vozes dos dois.

- Vamos voltar, tem gente naquela casa.

Os velhos continuavam olhando, quando notaram que os fogos se aproximavam novamente.

- VELHA, ESTÃO VOLTANDO, SERÁ QUE OUVIRAM NOSSAS VOZES?

- MAS ESTAMOS FALANDO TÃO BAIXO (YAMÃ, 2012, p. 52-53).

O final do conto é trágico, chegando a ser grotesco pelo tom de humor causado pela fala dos Velhos surdos. Geralmente a manifestação sobrenatural na narrativa fantástica é trágica. A lenda dos *Dois velhos surdos* (2012), portanto, além de elucidar os seres sobrenaturais do começo ao fim da narrativa, destacam o cotidiano, o linguajar, os costumes e ilustra os espaços que vivem os indígenas, bem como suas crenças e saberes diante da natureza, sendo essenciais para a manutenção identitária e cultural dos povos indígenas amazonenses.

### **Considerações finais**

Diante do percurso traçado neste artigo, compreende-se a importância do entrelaçamento do sobrenatural com os mitos e lendas dos povos indígenas amazonenses, especificamente do povo Maraguá enfatizado no mito *História de Kãwéra* e na lenda dos *Dois velhos surdos* encontrados em *Contos da Floresta* (2012) de Yaguarê Yamã.

A narrativa é riquíssima, destacando vários aspectos da cultura do homem amazônico como as crenças, os costumes, as histórias orais, causos, o cotidiano, o ambiente em que vivem e a condição humana vista pela ótica dos povos indígenas, tudo através dos mitos e lendas que sempre se manifestam com um ingrediente a mais, o sobrenatural. Dessa maneira, entende-se a importância dessas narrativas para a manutenção e sobrevivência da cultura e identidade dos povos indígenas.

O trabalho, grosso modo, também enfatizou o crescimento da literatura infanto-juvenil escrita por autores indígenas, preocupando-se em demonstrar o seu valor como

literatura e que pode ser analisado de acordo com a teoria e crítica literária. Conclui-se também que, diante do fantástico e do maravilhoso, gêneros recorrentes na literatura infanto-juvenil, o que prevaleceu em *Contos da Floresta* (2012) de Yaguarê Yamã é o fantástico, sendo esse o caminho para o sobrenatural na narrativa escolhida como *corpora*, visto que os aspectos do fantástico foram os que mais se evidenciaram.

Ainda falta muito para que a literatura infanto-juvenil indígena amazonense se consolide de vez, mas a cada dia nota-se o crescimento de estudos ao redor dela. Isso contribui com o crescimento e visibilização das narrativas infanto-juvenis indígenas do Amazonas.

Portanto, ao analisar o sobrenatural na literatura infanto-juvenil amazonense do escritor indígena Yaguarê Yamã, especificamente em *Contos da Floresta* (2012), buscase timidamente, garantir a manutenção da cultura e identidade dos povos indígenas, bem como uma fortuna crítica a essa narrativa, pois apesar de todo o reconhecimento que essa literatura vem ganhando, seja no cenário regional ou nacional, nos ambientes de ensino (básico ou superior), ela ainda é considerada menor perante as outras literaturas do cânone como já dito por Zilberman (2003). Ainda mais se tratando de uma literatura infanto-juvenil de autoria indígena vinda de uma região considerada exótica como o Amazonas.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CHOEN, Jeffrey Jerome. **A cultura dos monstros: sete teses**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org).

**Pedagogia dos monstros: os prazeres e perigos da confusão de fronteiras**. trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COSTA, Jaqueline Gomes da. **Identidade e cultura amazônica em obras da literatura infanto-juvenil**. 2016. 131 f. Dissertação. (Mestrados em Letras). Porto velho, Rondônia: UNIR, 2016.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

CUNHA, Maria Zilda (Org). **O Fantástico, seus arredores e figurações do insólito.** In: **Fantástico e seus arredores : figurações do insólito.** Cunha, Maria Zilda; Menna, Lígia (Orgs). São Paulo: FFLCH, 2017.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** trad. Helder Godinho. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** trad. Pola Civelli. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2000.

FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo; MATTAR, Cristine Monteiro. A Fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Rio de Janeiro, v. 30, n. 4, p. 441-447, Out-Dez, 2014.

FELISBERTO, Luis Fernando Stecca; FORTES, Rafael Adelino. O horror na Literatura: uma perspectiva de H. P. Lovecraft sobre o desconhecido e o sobrenatural. In: Fernando Monteiro de Barros; Júlio França; Luciana Colucci (Orgs.). **O medo como prazer estético: (re)leituras do gótico literário.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015.

FRANÇA, Júlio. Monstros reais, monstros insólitos: aspectos da literatura do medo no Brasil. In: Gárcia, Flávio; Batalha, Maria Cristina (Orgs). **Vertentes teóricas e ficcionais do insólito.** Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2012.

FREUD, Sigmund. **O Estranho.** Edição Standard Brasileira, Vol. XVIII, pág. 13, IMAGO Editora, 1976.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. As teorias do fantástico e a sua relação com a construção do espaço ficcional. In: Gárcia, Flávio; Batalha, Maria Cristina (Orgs). **Vertentes teóricas e ficcionais do insólito.** Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2012.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia.** Manaus: Editora Valer, 2007.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?/** trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

KOPENAWA, Davi. **A queda do céu.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O Horror sobrenatural na literatura.** trad. João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: S.A, 1987.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 7.ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MICHELLI. Do maravilhoso ao insólito: caminhos da literatura infantil e juvenil. In: Gárcia, Flávio; Batalha, Maria Cristina (Orgs). **Vertentes teóricas e ficcionais do insólito**. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2012.

MILANEZ, Nilton. Transgressão, autores e problematizações: notas breves em torno do discurso do sobrenatural. In: Milanez, Nilton; Santos, Jamille da Silva (Orgs). **Modalidades da transgressão: discursos na literatura e no cinema**. Vitória da Conquista, 2013.

OLIVEIRA, Adriano Rodrigues de. **As Amazonas no imaginário literário/Iconográfico da Ibero-América no século XVI**. 2016. 134 f. Dissertação. (Programa de Pós-graduação em História) - Dourados: UFGD, 2016.

OLIVEIRA, Bruno Silva de. **Onde o Bicho-papão se esconde: o medo dos animais na literatura fantástica**. 2014. 113 f. Dissertação. (Programa de Pós-graduação em estudos da linguagem). Catalão: UFG, 2014.

RAMOS, Maria Luiza. **Fenomenologia da obra literária**. 4.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. trad. Julián Fuks. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ROCHA, Everaldo. **O que é mito**. São Paulo: Brasillense, 1999.

SICSÚ, Delma Pacheco. **O imaginário em narrativas da literatura infantojuvenil amazonense**. 2013.

153 f. Dissertação. (Mestrado em Letras e Artes). Manaus: UEA, 2013.

\_\_\_\_\_. **O imaginário Literário em Duas narrativas da Literatura Infantojuvenil amazonense**. Parintins: UEA, 2017.

\_\_\_\_\_. A presença da literatura infanto-juvenil amazonense na escola. **Extensão em revista**. n. 1, 2016, p. 1-13.

SOUTO, Generosa. Representação dos monstros e monstruosidades na literatura e no cinema: transformações em *A terceira margem do rio*, de Nelson Pereira dos Santos. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 46, n. 4, p.97-102, Out-Dez, 2011.

SOUZA, Anervina. **As Lendas Amazônicas em Sala de Aula - Apropriação e formação sociocultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural**. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

SOUZA, Virgínia Laís de. Monstros: do freak show às leituras artísticas. **DO CORPO: Ciências e Artes**. Caxias do Sul, v. 1, n. 3, p. 1-10, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. trad. Silvia Delpy. 2.ed. Disponível em: <http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>.

YAMÃ, Yaguarê. **Contos da floresta**. São Paulo: Peirópolis, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

## ANEXO

### GLOSSÁRIO

#### **Língua Regional Amazônica**

**Anhãga:** Entidade maligna (FONTE DE PESQUISA: Obra *Contos da Floresta de Yaguarê Yamã*).

**Comedias:** Lugar onde caem frutos procurados por animais de caça ( FONTE DE PESQUISA: Obra *Contos da Floresta de Yaguarê Yamã*)

**Jirau:** Estrado de varas (FONTE DE PESQUISA: Obra *Contos da Floresta de Yaguarê Yamã*).

**Mutá:** Assoalho em cima de galhos de árvores, feito para acomodar o caçador, enquanto ele espera a caça (FONTE DE PESQUISA: Obra *Contos da Floresta de Yaguarê Yamã*).

**Mapinguary:** Ser mitológico Maraguá. Entidade maligna da floresta, com o corpo coberto de pelos e a boca no estômago (FONTE DE PESQUISA: Obra *Contos da Floresta de Yaguarê Yamã*).

**Visaje:** No linguajar amazônico, visagem, fantasma, assombração (FONTE DE PESQUISA: Obra *Contos da Floresta de Yaguarê Yamã*).

#### **MARAGUÁ**

**Çukurijú:** Atualmente, os Maraguá são divididos em clãs, simbolizados por animais, que representam cada família: Aripunã (vespa), Tawató (gavião), Yagareté (onça), Cukuyê (cobra sucuri), Pirakê (peixe elétrico), Ag'wã (mutum), Piraguá (boto) (FONTE DE PESQUISA: Obra *Contos da Floresta de Yaguarê Yamã*).

**Kãwéra:** Esqueleto velho. Ser da mitologia Maraguá, metade homem, metade morcego. Surgiu da espécie original Zorak, nome dos homens-morcegos (FONTE DE PESQUISA: Obra *Contos da Floresta de Yaguarê Yamã*).

**Kayawé:** Espécie de palmeira e também o seu fruto. Nome de um lago (FONTE DE PESQUISA: Obra *Contos da Floresta de Yaguarê Yamã*).

**Makukáwa:** Pássaro amazônico que, segundo a religião Urutópiãg, dos Maraguá e Saterá, é um dos bichos visagentos (FONTE DE PESQUISA: Obra *Contos da Floresta de Yaguarê Yamã*).

**Makukawaguá:** Espírito protetor do pássaro makukáwa (FONTE DE PESQUISA: Obra *Contos da Floresta de Yaguarê Yamã*).